

Cartas para minha avó, de Djamila Ribeiro, e Cartas para a minha mãe, de Teresa Cárdenas: escrevivências insurgentes

“Cartas para minha avó”, by Djamila Ribeiro, and “Cartas para a minha mãe”, by Teresa Cárdenas: insurgent “escrevivências”

Franciele Clara Peloso¹
clara@utfpr.edu.br
Rosangela Aparecida Marquezi²
marquezi@utfpr.edu.br

Resumo: Neste trabalho, analisamos a potência da construção de narrativas insurgentes, aproximando essa insurgência à perspectiva da decolonialidade, e utilizando-nos do conceito de escrevivência, criado pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. Essa análise se dará com base na leitura que fizemos dos livros *Cartas para minha avó*, da escritora afro-brasileira Djamila Ribeiro, publicado em 2021, e *Cartas para a minha mãe*, da escritora cubana Teresa Cárdenas, publicado originalmente em Cuba, em 1997, e traduzido para o português, no Brasil, em 2010. Para as duas narrativas, selecionamos temas geradores de reflexão e, para cada um deles, elegemos excertos para a análise. Observamos que as narrativas literárias de Djamila Ribeiro e Teresa Cárdenas revelam personagens que não se intimidam com as tentativas de subjogação da sociedade. Elas são protagonistas que demonstram resistência e amadurecimento, mesmo quando inseridas em ambientes adversos. Essa resistência é evidenciada pela escrevivência, uma escrita que reflete a vivência tanto das autoras quanto das suas protagonistas. Assim, concluímos que as obras analisadas são expressões significativas da insurgência decolonial, pois desafiam as colonialidades e nos proporcionam novas perspectivas para o estudo da literatura.

Palavras-chave: Decolonialidade; Escrevivência; Narrativas insurgentes.

Abstract: This research presents an analysis of the power of constructing insurgent narratives, aligning this insurgency with the perspective of decoloniality and utilizing the concept of "escrevivência," created by the Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo. The analysis is based on our reading of the books "Cartas para minha avó" by Afro-Brazilian writer Djamila Ribeiro, published in 2021, and "Cartas para a minha mãe" by Cuban writer Teresa Cárdenas, first published in Cuba in 1997 and translated to Portuguese, in Brazil, in 2010. For both narratives, we selected themes that generate reflection and, for each of them, we chose excerpts for analysis.

¹ Professora do quadro docente efetivo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco. Ocupa atualmente o cargo de Professora Adjunta, junto ao Departamento de Ciências Humanas. Atua nos cursos de Licenciatura. Também integra o quadro permanente de professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR, Campus Pato Branco

² Graduada em Letras - Português/Inglês pelo CEFET-PR/UNED-PR (1997), é mestra em Educação pela UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e doutoranda em Desenvolvimento Regional (UTFPR). É professora de ensino superior na UTFPR Campus Pato Branco, estando lotada no Departamento de Letras.

We observed that the literary narratives of Djamila Ribeiro and Teresa Cárdenas reveal characters who are not intimidated by society's attempts to subjugate them. They are protagonists who demonstrate resistance and maturity, even when placed in adverse environments. This resistance is evidenced by "escrevivência," a writing concept that reflects the experiences of both the authors and their protagonists. Thus, we conclude that the analyzed works are significant expressions of decolonial insurgency, as they challenge coloniality and provide us with new perspectives for the literature studies.

Keywords: Decoloniality; “Escrevivência”; Insurgent Narratives.

Esta carta levou um tempo enorme para se formar. Durante todo esse tempo eu soube que queria lhe contar algumas lições que aprendi e em que condições as aprendi (Angelou, 2019, p. 15).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A epígrafe deste artigo vem do livro *Carta a minha filha*, da escritora e ativista negra estadunidense Maya Angelou. No livro, a autora escreve ensaios, no formato de cartas, a uma filha que nunca teve, mas que, se tivesse tido, seria com quem gostaria de dialogar. Como reflete Conceição Evaristo, que escreve o prefácio da publicação traduzida para o Brasil, “É a confissão de quem se comprometeu com as questões de seu tempo e dedicou a vida a empreender uma luta coletiva e pessoal [...]” (Evaristo, 2019, p. 9).

Sua escolha para o início de nosso diálogo sobre uma escrita de insurgência se deve ao fato de que apresenta, de certo modo, o que buscamos na análise que ora se apresenta: refletir sobre a potência da construção de narrativas insurgentes, aproximando essa insurgência à perspectiva da decolonialidade, com a observação de como isso se dá nas vivências das personagens dos livros *Cartas para minha avó*, da brasileira Djamila Ribeiro (2021), e *Cartas para a minha mãe*, da cubana Teresa Cárdenas (2010), escritoras, assim como Maya Angelou, negras. Além da insurgência, trazemos aqui outra

forte palavra: a escrevivência, neologismo criado pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, e que propicia a quem escreve assumir o lugar de enunciação de um eu coletivo.

Abordamos a a questão da perspectiva decolonial, a partir do conceito de colonialidade, que, segundo seu teórico primeiro, o antropólogo peruano Aníbal Quijano (2009, p. 73), “Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social cotidiana [...]”. A decolonialidade – seu oposto – é o caminho para mudarmos esse modo de ser e olhar o mundo. Seria, como aponta Mignolo (2006), termos um pensamento que desnaturalize a matriz colonial.

Apoiadas na decolonialidade, podemos entender a escrevivência como uma ferramenta que nos auxilia na leitura de textos literários insurgentes, que trazem em seu bojo a luta contra a opressão imposta pelo sistema. Como afirma a escritora e socióloga afro-brasileira Djamila Ribeiro (2017, p. 59), precisamos “[...] reivindicar diferentes pontos de análises”, que contemplem o reconhecimento de diferentes sujeitos, que trazem consigo o apagamento devido a tantos silêncios históricos que lhes foram impostos.

A partir dessas considerações, pesquisamos outras perspectivas de se olhar para o texto literário, além do que a crítica já instituída e aprovada, mas normalmente ocidentalcêntrica, nos apresenta. Trazemos aqui olhares e formas de se pensar o texto a partir do que entendemos ser a insurgência decolonial, na qual os grupos historicamente silenciados, ao desafiar as estruturas do poder, reivindicam seu espaço de reconhecimento e, como nos ensina a filósofa e escritora Djamila Ribeiro (2017, p. 70), buscam “[...] quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal”.

Feitas essas considerações iniciais, queremos deixar registrado que sabemos não estarmos em nosso lugar de fala, enquanto mulheres brancas, pois estamos cientes dos privilégios que temos em relação às mulheres negras. No entanto, reafirmamos o nosso respeito em relação a essas experiências, e reconhecemos que nosso objetivo aqui é, antes

de tudo, contribuir para a visibilidade, respeito e igualdade, sem jamais silenciar ou substituir as vozes das próprias mulheres negras.

DECOLONIALIDADE E ESCRIVIVÊNCIA

À práxis decolonial não interessa o sujeito neutro, assim também como não cabe este sujeito na escrevivência. Talvez, por isso, ambas as perspectivas se cruzam em ideias e ações, pois promovem a decolonização do sujeito. E pensarmos nisso na literatura, é pensarmos em decolonizar também a crítica e a teoria literária, basicamente ocidentalcêntricas tendo em vista que os principais nomes na área vêm de países colonizadores e/ou permeados das ideias destes.

Não nos deixarmos levar apenas pela perspectiva tida como “padrão”, é sermos resistentes e insurgentes contra as colonialidades a que somos submetidos. Segundo Mignolo (2007), as primeiras manifestações do que entendemos como giro decolonial se iniciam ainda no século XVI, com algumas manifestações indígenas. De certo modo, para Mignolo (2007, p. 29, grifo do autor), eles abriram “[...] *las puertas al pensamiento outro*”. Esse abrir o “pensamento outro” foi o caminho para entendermos como se dá a relação da colonialidade (do poder, do ser e do saber) em relação aos que ela considera subalternos. E esse pensamento pode – e deve – ir além dos estudos da Filosofia, da Sociologia e da Antropologia, por exemplo. Por que não, podemos nos perguntar, trazermos também aos estudos literários? Afinal, como já pontuavam Bakhtin/Volochínov (1995), não há discurso neutro, pois, todo discurso sempre é carregado da ideologia daquele que o produz.

Analisarmos um texto literário, utilizando-nos de uma base epistêmica mais ampla, que nos possibilite a decolonização dos saberes, é uma prática que a escrevivência nos permite. Segundo a professora estadunidense, radicada no Equador, Catherine Walsh (2006), construir outros modos de viver e de saber, considerando as lutas dos povos que foram deixados à margem, e dar visibilidade a essas lutas é praticar a decolonialidade.

Não interessa, dessa forma, o sujeito que não aparece, que é sem rosto, ou que não o mostra. E isso, trazer visibilidade, é uma das marcas que conceito crítico-literário da **escrevivência**, proposto pela escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, traz.

O conceito de escrevivência foi elaborado pela autora em meados de 1990, durante seu mestrado realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC), com dissertação defendida em 1996 e intitulada *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Segundo Evaristo (2017, 2min40s), esse conceito nasce

[...] quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo [...] me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande [...] Então eram histórias para adormecer. [...] nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo.

Dessa forma, podemos entender que esse conceito compreende o escrito do que foi vivido – de forma coletiva, mesmo tendo um eu enunciador – e expande a teoria literária, pois propõe novos olhares, novas perspectivas de se pensar um texto, mesmo que de ficção, em que o sujeito é alguém que tem rosto e é coletivo:

Ouçoo muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. [...] Portanto essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. [...]. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (Evaristo, 2020, p. 7).

Na escrita, Evaristo não se afasta do seu eu, mas nos apresenta um **eu coletivo**, pois, “Cada pedaço que guardo em mim / tem na memória o anelar / de outros pedaços” (Evaristo, 2008, p. 81), como ela poetiza em *A roda dos não ausentes*.

Nesse sentido, a escrivência, na literatura, pode ser uma importante ferramenta de análise do texto em que se procure o sujeito não neutro, que está ali presente. A escritora e teórica cultural estadunidense, Gloria Anzaldúa, no texto *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*, publicado originalmente em 1981, assim reflete a partir de uma pergunta por ela própria formulada: “Por que sou levada a escrever?”

Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência (Anzaldúa, 2000, p. 232).

No ensaio, em forma de carta, ela vai nos dizendo que escrever é um ato de resistência diante de todo o silêncio a que as mulheres foram condenadas. É insurgência. É dar visibilidade e voz a tantas que foram silenciadas na literatura por conta de uma crítica hegemônica que dita o que deve e o que não deve ser. E, nesse discurso, ela convoca as mulheres a se libertarem dessas amarras literárias: “Eu digo, mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo, choque seus leitores da mesma maneira” (Anzaldúa, 2000, p. 234).

E é nesse poder da escrivência, no poder das histórias compartilhadas por mulheres negras, que o presente texto se ancora, ao olhar para as protagonistas dos livros

Cartas para minha avó, de Djamila Ribeiro, e *Cartas para a minha mãe*, de Teresa Cárdenas. Em ambos os livros, vemos as marcas de um racismo estruturado, que sempre buscou deixar o negro em posição subalterna. E se para qualquer grupo subalterno já se torna difícil se libertar da colonialidade imposta, muito mais, segundo a indiana Gayatri C. Spivak, é para a mulher, pois, “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (Spivak, 2010, p. 85). E é a partir dessas considerações que fazemos uma análise, na próxima seção, sobre as vozes insurgentes que se prenunciam nos dois livros analisados: *Cartas para minha avó* e *Cartas para a minha mãe*.

AS VOZES INSURGENTES DE DJAMILA RIBEIRO E TERESA CÁRDENAS – ESCRITAS QUE SE CONECTAM NA ESCRIVIVÊNCIA

Djamila Ribeiro, nascida em 1980, em Santos – SP, é, atualmente, uma das vozes femininas e negras mais potentes do Brasil, dedicando-se à luta contra o racismo e discutindo importantes temas como feminismo negro e empoderamento feminino. Em 2019, foi considerada uma das 100 mulheres mais influentes do mundo, pela BBC. Mas, segundo Guimarães *et al.* (2020, p. 279),

[...] antes de tudo, Djamila é feminista. Sua atividade enquanto filósofa e acadêmica é transpassada pela luta em busca da igualdade de direitos entre homens e mulheres, pelo fim do sexismo e da opressão de gênero, mas que põe em tela a urgência das questões de classe e raça, pensamento indissociável da práxis política que visa o fim de padrões patriarcais e do racismo estrutural e estruturante em prol de uma vivência humana livre de opressões.

Mestra em Filosofia Política, pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), também é escritora de importantes livros, tais como: *O que é lugar de fala* (2017), *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), *Pequeno manual antirracista* (2019) e *Cartas*

para minha avó (2021). É fundadora do selo editorial Sueli Carneiro, que publica livros de escritoras negras brasileiras, latinas, indígenas e LGBTQIAPN+. Já recebeu várias premiações, dentre elas: Cidadão SP em Direitos Humanos (2016), Trip Transformadores (2017), Dandara dos Palmares (2017), Melhor columnista no Troféu Mulher Imprensa (2018); *Prince Claus* na categoria Filosofia, oferecido pelo Ministério das Relações Exteriores da Holanda (2019), Personalidade do Amanhã, do governo francês (2019), *BET Awards*, o maior prêmio da comunidade negra estadunidense, sendo consagrada na categoria *Global Good* (2021). Foi, ainda, finalista do Prêmio Jabuti, em 2019, e vencedora em 2020, com *Pequeno manual antirracista*. Em maio de 2022, foi eleita para a Academia Paulista de Letras.

Cartas para minha avó nos apresenta a força da mulher negra, a partir da história da própria narradora e autora, Djamila, e de sua avó Antônia, a quem ela destina as cartas. Além delas, as presenças da mãe, D. Erani, e da sua filha, Thulane, são muito presentes e significativas. No livro, são quatro gerações de mulheres que vivenciam, em vários momentos, o racismo. Mas é uma história de superação, em que a voz insurgente da autora se levanta e se afirma. Na orelha do livro, escrita por Conceição Evaristo, lemos que é “Uma escrevivência marcada por vários momentos de intensa poeticidade, comprovando que a ternura, o afeto e a cumplicidade podem e devem ser construídos como táticas de enfrentamento ao mundo hostil que nos cerca” (Evaristo, 2021).

Teresa Cárdenas, por sua vez, nascida em Matanzas, Cuba, em 1970, além de escritora também é contadora de histórias, atriz, roteirista, bailarina e ativista social. Atualmente, mora em Havana, capital do país, e faz parte da *Unión de Escritores y Artistas de Cuba*. No Brasil, já esteve presente em vários eventos, tais como na Bienal Brasil do Livro e da Leitura (2016), na FlinkSampa – Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra (2016), X Congresso de Hispanistas (2018), FliAraxá (2024). Tem uma significativa produção literária voltada ao público infantojuvenil. Dentre seus livros traduzidos para o português, aqui no Brasil, destacam-se: *Cartas para a minha mãe* (1997) e *Cachorro Velho* (2005). Colocamos esses como destaques, pois, segundo o site

da editora Pallas, são livros que vêm sendo trabalhados em diversas escolas aqui em nosso país (Teresa [...], s.d.). Além desses, também traduzidos, citamos: *Contos de Olófi* (2010); *Mãe Sereia* (2018); *Memória de mim* (2021); *Awon Baba* (2022); e *Meu avô Tatanene* (2023).

Cárdenas “Recebeu vários prêmios que a creditam como una das vozes mais relevantes da literatura para crianças e jovens em Cuba [...]” (Teresa [...], s.d.) e, com *Cartas para a minha mãe*, venceu os prêmios *David* (1997), *Asociación Hermanos Saíz* (1997) e *Nacional de la Critica* (2000). Recebeu, ainda, outros prêmios pelo seu livro *Cachorro velho* e também outros referentes à sua produção bibliográfica. Em entrevista ao jornalista Arnaldo Bloch, para o jornal *O Globo*, perguntada sobre como ela se aproximou da escrita, assim responde:

Eu era uma criança calada, que lia e fazia teatro para me expressar. Mas algo nos livros me intrigava: não havia, nas histórias infantis, personagens parecidos comigo. Não havia meninas negras. As famílias eram felizes e brancas, sem problemas. Eu queria um livro no qual eu aparecesse (Cárdenas *apud* Bloch, 2014).

A partir dessa fala da autora, percebemos que sua escrita se insere na linha da escrevivência, pois é “[...] uma mulher de seu tempo e escreve recriando espaços de protagonismo negro na literatura. Memória, identidade e resistência são alguns dos termos que norteiam a narrativa da escritora” (Paz, 2022, s.p.).

Cartas para a minha mãe foi publicado originalmente, em Cuba, no ano de 1997, e a protagonista e narradora da história é “[...] uma menina negra com a particularidade de não ter um nome e que virou uma representação para meninas e meninos, e adultos, brancos, negros, ruivos” (Cárdenas *apud* Bloch, 2014). Ainda, segundo a autora, além do fato do livro ter sido premiado, ela recebe mensagens do mundo inteiro, por parte de crianças, que contam que gostaram muito da história. A edição analisada foi publicada no Brasil em 2010, pela Editora Pallas, com tradução de Eliana Aguiar.

A história é a de uma menina cujo nome não nos é apresentado. Ela escreve cartas para sua mãe, já falecida, por isso, o título em espanhol que, no original, alude a essa questão: *Cartas al cielo*, lugar que a menina imagina que a mãe está. Com uma infância bem conturbada, eivada de racismos e de não aceitação, ela não se deixa menosprezar e sempre tem uma atitude que podemos pensar como insurgente, pois não deixa que essas situações a façam se sentir inferior.

Tanto *Cartas para minha avó* quanto *Cartas para a minha mãe* pertencem ao gênero epistolar, o qual, segundo Massaud Moisés (2004, p. 160), é apreciado “[...] desde a Antiguidade. Todavia, alcançou o auge a partir do século XVII, à medida que se desenvolviam os serviços postais. Nem sempre endereçada a um destinatário real, manifestava intenção literária não só no recorte da frase [...] como nos termos versados”. Esse gênero tem origem no discurso de quem o enuncia, por isso a escolha para a análise que se faz nestas reflexões.

Para a análise dos livros, optamos por selecionar alguns temas que ousamos chamar, tal como Paulo Freire (2021), de temas geradores, no sentido da dialogicidade necessária à produção de conhecimento. Freire desenvolve essa metodologia afirmando que, para atingir a dialogicidade em sua expressão maior, é necessário partir do sujeito, pois o que precisamos investigar, na verdade, “[...] não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus ‘temas geradores’” (Freire, 2021, p. 121-122, grifo do autor). Assim, buscando essa dialogicidade, selecionamos quatro temas: **amor, autoestima, profissão e sororidade**, para os quais selecionamos alguns excertos dos livros para o diálogo entre os textos.

Começamos pelo tema do **amor**, em que há alguns questionamentos acerca do sentimento que nos permitem ver a influência da colonialidade, observando aqui que não vamos discutir cada uma das modalidades da colonialidade (do poder, do ser e do saber), mas as abrangemos, apenas, no termo colonialidade. Quando pensamos em amor, normalmente é pelo viés de ser um sentimento bom, que propicia a quem o sente boas

vibrações. A feminista e escritora bell hooks (2010, p. 10, grifo da autora), no entanto, em relação ao amor para as mulheres negras, assim afirma:

As mulheres negras que escolhem (e aqui enfatizo a palavra "escolhem") praticar a arte e o ato de amar, devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não. Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor.

A narradora de *Cartas para minha avó*, se levamos em conta o ano da publicação do livro, tem 41 anos e já viveu relacionamentos amorosos, segundo seus relatos, nem sempre felizes, o que a leva à seguinte reflexão, que vem ao encontro da fala de hooks (2010):

Na maioria das vezes, o amor não é apenas sentimento, mas também ideologia. Condiciona-se o olhar, o sentir. Por que se ama a branca e não a negra? Olhares condicionados e submissos a uma ideologia, à melancólica valorização dos traços finos (Ribeiro, 2021, p. 85).

Percebemos, assim, que ela tem um entendimento bem amplo de todo o sistema colonial que envolve os sentimentos. A menina de *Cartas para a minha mãe*, ainda na adolescência, não apresenta uma visão pessimista do sentimento, talvez pelo fato de que ainda terá muito caminho a percorrer nessa área. Apaixonada por um amigo, sente “[...] que, quando gostamos de alguém, a cor da pele não tem importância” (Cárdenas, 2010, p. 88), diferente do entendimento inicial da narradora de *Cartas para minha avó*.

No entanto, mais para o final de ambas as narrativas, o olhar das protagonistas, de certa forma, se aproxima, tornando-se esperançoso, pois ambas estão vivendo um relacionamento amoroso que, ao que tudo indica, está sendo bom: “[...] Roberto e eu continuamos amigos. Quer dizer, namorados. [...] Ele estuda muito, mas sempre encontra um tempinho para nos ajudar [...]” (Cárdenas, 2010, p. 105); “Hoje, num novo

relacionamento, vivencio o amor em todas as suas possibilidades, como porto e liberdade” (Ribeiro, 2021, p. 185). hooks (2020, p. 150), quando fala sobre o amor, assim se expressa:

Quando aceitarmos que o verdadeiro amor é fundamentado em reconhecimento e aceitação, que o amor combina com cuidado, responsabilidade, comprometimento e conhecimento, entenderemos que não pode haver amor sem justiça. Com essa consciência, vem a compreensão de que o amor tem o poder de nos transformar e nos dar força para que possamos nos opor à dominação.

O fato de ambas estarem felizes neste momento, vivendo um relacionamento que traz o que hooks pontua, é uma das formas de lutar contra a dominação. Amarem e serem amadas, com respeito e reconhecimento, é romper com a colonialidade, que procura impor normas sobre o corpo e a cor da mulher, afinal “[...] não há amor onde há dominação” (hooks, 2020, p. 149). É preciso a insurgência.

A **autoestima** também é um tema que vai se mostrando, durante a narrativa. As duas personagens vão se construindo, rompendo com a colonialidades que, segundo Maldonado-Torres (2007, p. 131), sobrevivem, mantendo-se vivas “[...] em textos didáticos [...] na cultura, no sentido comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna”.

Em ambas as narrativas, percebemos que, apesar de sofrerem com as questões advindas da colonialidade, as protagonistas são fortes, muito embora a um preço, muitas vezes, excessivo, como pode ser visto, por exemplo, em *Cartas para minha avó*, quando a narradora nos conta que, no enterro de sua mãe, uma pessoa lhe disse para não chorar, para não passar a ideia de fraqueza – e ela tinha apenas 20 anos. Nesse momento, ela reflete que esta é uma imagem muito cruel que se tem em relação às mulheres negras, a de que precisam serem fortes e sabe que somente passam por isso “[...] porque o Estado é omissivo e violento. Restituir a humanidade também é assumir fragilidades e dores próprias da condição humana. Somos subalternizadas ou somos deusas. E pergunto:

quando seremos humanas?” (Ribeiro, 2021, p. 15). Isso retrata tantas outras coletivas vozes de mulheres negras que afirmam que, para elas, a dificuldade de ser mulher é ainda muito maior em relação à mulher branca.

Tanto a menina de *Cartas para a minha mãe*, quanto Djamila, de *Cartas para minha avó*, se autoafirmam em uma construção positiva de suas imagens, que passa por vários aspectos, dentre eles o uso do cabelo em seu estado natural, crespo. Sabemos que a questão do cabelo, para a mulheres negras, é carregado de significados dolorosos, pois muitas delas, para serem aceitas na sociedade, precisaram esconder suas características étnicas, tais como a estética própria de seus cabelos. A professora e pedagoga Nilma Lino Gomes, que foi ministra da Mulher, Família e Direitos (2015-2016), afirma que:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com o uso dos produtos químicos ou com o alisamento do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizadas pela mãe, tia irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra – hoje, uma mulher adulta – como o penteado preferido pela infância (Gomes, 2002, p. 43).

Cárdenas (*apud* Takarnia, 2016) conta que quando começou a ler procurava personagens parecidas com ela, mas todas eram loiras, com cabelos que “[...] se moviam como vento”. Em espaços que, ainda, valorizam o cabelo liso e loiro em detrimento de outros, como bem observa a autora, há a necessidade de se apresentar personagens com as quais outras meninas e mulheres possam se identificar. Em ambos os livros, as protagonistas trazem essa identificação. A menina, quando escreve à sua mãe contando que suas primas cantarolavam, felizes, “Meu cabelo é bom! Meu cabelo é liso!” (Cárdenas, 2010, p. 20), não quer isso para ela, por isso diz: “[...] não deixo que passem pente quente em meu cabelo. [...] Prefiro fazer penteados. Como as africanas” (Cárdenas, 2010, p. 20). Da mesma forma, o não alisar o cabelo é um ato de insurgência também para a narradora de *Cartas para minha avó*: “Muitas garotas brancas que se diziam

minhas amigas gostavam de se sentir superiores me dando conselhos que nada contribuíam para minha autoestima, como alisar o cabelo” (Ribeiro, 2021, p. 116).

Percebemos que ambas estão no processo de terem uma melhor autoestima e escrevem sobre isso, como se ouvissem o “conselho” de Anzaldúa (2000, p. 235): “Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranquilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos”. E elas assim o fazem, como ilustram os excertos abaixo:

Mãezinha,
 encontrei um pedaço de espelho na rua.
 Agora, passo o tempo todo me olhando. A testa, os olhos, o nariz, a boca...
 Sabe de uma coisa? Descobri que meus olhos são parecidos com os seus, que não podiam ser mais bonitos, e que minha boca e meu nariz são normais. Não gosto que digam que negros têm o nariz achatado e beirão. Se Deus existe, com certeza está furioso por ouvir tanta gente criticando sua obra (Cárdenas, 2010, p. 19).

Havia descoberto que a vida era muito mais [...] que havia pessoas acolhedoras por aí, e, acima de tudo, que eu era, sim, bonita (Ribeiro, 2021, p. 105).

Um terceiro tema que trazemos aqui para reflexão, é o referente à escolha da **profissão**, que está bem atrelado à colonialidade do poder, visto que vincula o sucesso profissional à meritocracia, ao trazer em seu bojo a ideia de que as pessoas vencem na vida por esforços apenas pessoais, o que é uma falácia. Em relação à mulher, e mais especificamente à mulher negra, acrescenta-se a essa ideologia, ainda a de submissão, servidão. A escritora e ativista negra Lélia Gonzales (2018) aponta que ao longo da história coube às mulheres negras os trabalhos de realizar tarefas doméstica e também trabalhos mais pesados, o que associa à escravização, em que passaram de escravizadas para empregadas domésticas na sociedade contemporânea: “[...] o gênero e a etnicidade são manipulados de tal modo que [...] os mais baixos níveis de participação na força de

trabalho, coincidentemente, pertencem exatamente às mulheres e a população negra” (Gonzales, 2018, p. 65).

Em ambas as narrativas, as protagonistas conseguem, seja por exemplos de representações positivas próximas, seja pelo desejo ardente de romper com a vida a que a elas estava destinada, insurgirem-se contra o sistema. A menina encontra em uma professora, Silvia, o desejo do que gostaria de ser, quando adulta: “Gostaria de ser como ela. É muito boa, explica as coisas várias vezes, até todo mundo entender. Segundo ela, sou inteligente, por isso vou ser alguém na vida” (Cárdenas, p. 59-60). Isso a leva a essa escolha da profissão, como nos conta na penúltima carta do livro, quando diz que sua prima lhe disse que era melhor ser cabeleireira, mas, segundo ela, “A única coisa que sei é que adoro ensinar às crianças. Ver o modo como elas aprendem coisas que nunca mais esquecerão. Saber que, no futuro, lembrarão de mim, de sua professora” (Cárdenas, 2010, p. 102).

Em *Cartas para minha avó*, a narradora nos conta que “[...] passava horas fantasiando a vida que eu gostaria de ter, porque aquela com a qual eu tinha que lidar me causava náuseas” (Ribeiro, 2021, p. 24). Aqui é muito forte a voz insurgente da narradora. Ela ainda não sabe o que ser na vida, mas de uma coisa tem certeza: não a que lhe é “destinada” pela colonialidade. Mais adiante na narrativa, ela nos conta que quando concluiu a graduação, “[...] com trinta e dois anos, já sabia o que faria no mestrado. Eu não pretendia mais olhar o mundo pelas frestas” (Ribeiro, 2021, p. 161). Essa fala da Djamila, de que não pretende mais olhar o mundo pelas frestas, é muito significativa. É uma afirmação do desejo de manifestar a sua negritude, o seu ser mulher negra no mundo, autoafirmando-se. É voz insurgente, que não aceita mais o papel que lhe querem dar, de olhar e participar do mundo apenas como coadjuvante. Não. Tanto a menina quanto Djamila são protagonistas. No livro e na vida!

A **sororidade**, último termo trazido para análise neste artigo, é uma palavra emergente e que vem sendo muito usada nos últimos tempos, principalmente em discursos ligados ao feminismo, pois traduz um sentimento de irmandade entre as

mulheres, que se apoiam mutuamente e compartilham suas experiências, a fim de se fortalecerem na luta contra a opressão. Segundo Babi Souza (2016, p. 41), a palavra representa a “[...] a união e aliança entre as mulheres baseadas na empatia e companheirismo, em busca de alcançar um objetivo comum”. Essa união e aliança estão muito presentes na vida das protagonistas, tanto na menina, de Cárdenas, quanto na narradora de Ribeiro, e permeiam todas as relações ancoradas em respeito e amizade que elas mantêm com outras mulheres.

Em *Cartas para a minha mãe*, a menina vai nos apresentando, ao longo da narrativa, as mulheres que lhe são muito importantes: a mãe, que mesmo não estando mais presente fisicamente, mas é a quem ela relata suas dificuldades; Lilita, que ela descobre mais tarde ser sua irmã e que, antes mesmo, já a havia protegido do assédio que o marido de sua tia vinha praticando contra ela; Menú, “[...] a velhinha das flores” (Cárdenas, 2010, p. 37), que cuida dos “[...] vergões com suas ervas” (Cárdenas, 2010, p. 37) quando ela apanha da avó; e Silvia, “[...] a minha querida Silvia” (Cárdenas, p. 102), a professora que ela gostaria de ser igual. Em *Cartas para minha avó*, a narradora tem na avó (que também já não está mais presente fisicamente), na mãe e na filha estes laços de sororidade. Além disso, ainda nos conta sobre os laços fortes existentes com as amigas Flávia, Marília e Débora, que são, para ela “[...] espaço seguro de afeto” (Ribeiro, 2021, p. 189) o que lhe foi e é fundamental na vida, pois, segundo ela “Nunca mais me senti só” (Ribeiro, 2021, p. 189). Mais adiante, ainda afirma: “[...] As mulheres negras salvaram a minha vida” (Ribeiro, 2010, p. 196).

Infelizmente, ainda aparecem situações em que também se percebe a falta da sororidade. Um exemplo é quando, em *Cartas para minha avó*, a narradora nos apresenta um momento em que uma vizinha fala dos pés rachados de D. Erani, dizendo que deveria se cuidar melhor, ao que ela então reflete: “A vizinha poderia ter aceitado a feiura deles, ou até ter visto beleza, se tivesse questionado por onde aqueles pés haviam andado” (Ribeiro, 2021, p. 88). Uma das discussões da decolonialidade é conhecer o sujeito como

um todo. Ao conseguirmos isso, a vizinha não estaria olhando os pés daquela mãe trabalhadora com julgamento, mas pensando por onde eles haviam andado.

A título de fechamento, trazemos um excerto de cada carta final, em que transparece, nas falas das narradoras, a força de cada uma: “Não se preocupe. Eu estou bem. [...] Tudo ficará para trás” (Cárdenas, p. 108); “Porque há dias tristes, aceno para a vida. Há dias tristes para que eu me lembre que a felicidade vem de mim, há dias tristes para que eu aprenda a valorizar minha alegria. [...] Eu não me afundo na amargura, pois tive uma avó que ensinou que chá de boldo também cura” (Ribeiro, 2021, 198). Em ambos as falas, a esperança de que – apesar de tantos ranços advindos da colonialidade – precisamos ser insurgência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas outras discussões poderiam ser realizadas sobre o processo da construção da insurgência que vai ocorrendo nas protagonistas dos livros analisados. No entanto, pensamos que esses aqui apresentados já podem nos dar uma visão, mesmo que mais geral, sobre a importância de se estudar a literatura a partir de novas perspectivas. Tanto a narradora de Ribeiro quanto a narradora de Cárdenas apresentam uma caminhada de superação e insurgência diante das tentativas de colocarem-nas – e lá as deixarem – na categoria de subalternas. Elas não se intimidam com as tentativas da sociedade (e aqui incluímos também a família) de não lhes dar espaço.

A menina de *Cartas para a minha mãe*, que no início da narrativa tem cerca de dez anos, nos mostra resistência e amadurecimento, mesmo estando em um círculo familiar que não a acolhe. Da mesma forma, em *Cartas para minha avó*, a insurgência da narradora é sentida a cada história contada. Ancestralidade, sororidade, feminismo, racismo, nos são apresentados a cada página dos livros lidos. Ambas as protagonistas são mulheres que não se deixaram invisibilizar pela sociedade, mesmo estando em situação inicial de subalternidade, por isso a questão de dizermos que são leituras insurgentes a

partir da escrevivência. São protagonistas que buscam construir as suas próprias narrativas de força e de resiliência. Os excertos aqui analisados apontam para a possibilidade dessa transformação e superação dos legados coloniais.

Por fim, afirmamos que as narrativas literárias aqui apresentadas, como expressões da insurgência decolonial, nos mostraram narradoras-personagens resilientes, autônomas e com capacidade de desafiar as estruturas coloniais que as cerceavam. Sabemos que muitas outras leituras podem ser feitas a partir de *Cartas para minha avó* e *Cartas para a minha mãe*, mas a escolha neste trabalho pairou sobre a questão das falas que podem ser caracterizadas como insurgentes, ou, no mínimo, como um rompimento com a subalternidade que as colonialidades querem impor às narrativas.

[...] *tenho milhares de filhas. Vocês são negras e brancas, judias e muçulmanas, asiáticas, falantes de espanhol, nativas da América e das ilhas Aleutas. Vocês são gordas e magras, lindas e feias, gays e héteros, cultas e iletradas, e estou falando com todas vocês. Eis aqui minha oferenda* (Angelou, 2019, p. 16).

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. Trad. Celina Portocarrero. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1º sem. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880> . Acesso em: 14 fev. 2024.

BAKHTIN, Mikhail M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Tradução de Marina Yaguello. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

BLOCH, Arnaldo. Tereza Cárdenas, escritora: “No princípio, o universo era todo branco”. **O Globo online**, 30 set. 2014. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/conte-algo-que-nao-sei/tereza-cardenas-escritora-no-principio-universo-era-todo-branco-14086763>. Acesso em: 24 fev. 2024.

CÁRDENAS, Teresa. **Cartas para a minha mãe**. Trad. Eliana Aguiar. 1. ed. 3. reimp. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. **TVBrasil**, 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo> . Acesso em 6 jan. 2024.

EVARISTO, Conceição. Convocação à ternura. In: ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. Trad. Celina Portocarrero. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

EVARISTO, Conceição. Orelha. In: RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 78. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**. Set/Out/Nov/Dez n. 21, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004> . Acesso em 25 abr. 2024.

GONZALES, Lélia. **Lélia Gonzales: primavera para as rosas negras**. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas (UCPA), 2018.

GUIMARÃES, Deborah Moreira; SAMPAIO, Juliana Lira; FERNANDES, Christiane Costa de Matos; MELO, Rebeca Furtado de. Djamila Ribeiro: Uma voz para nosso tempo. Entrevista com Djamila Ribeiro. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 278–291, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/ek.2019.49903> . Acesso em: 20 jun. 2024.

hooks, bell. Vivendo de amor. Tradução de Máisa Mendonça. **Portal Geledés**, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> . Acesso em: 13 jun. 2024.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Bhuvi Libanio. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (org.) **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Colombia: Siglo de Hombre Editores; Universidad Central; Pontificia Universidad Javeriana, 2007. p. 127-167.

MIGNOLO, Walter D. El desprendimiento: pensamiento crítico y giro decolonial. *In*: WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006. p. 9-20.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura – un manifesto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (org.) **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Colombia: Siglo de Hombre Editores; Universidad Central; Pontificia Universidad Javeriana, 2007. p. 25-46.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (org.) **Epistemologias do sul**. Coimbra, Portugal: Almedina/CES, 2009. p. 73-117.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?** O guia da sororidade para todas. Rio de Janeiro: Galeria Record, 2016.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010.

TAKARNIA, Mariana. Latinidades debate literatura, produção audiovisual e estética da periferia. **Agência Brasil online**. 24 jul. 2015; atualizado em 18 mar. 2016. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cultura/2015/07/latinidades-debate-literatura-producao-audiovisual-e-estetica-da-periferia>. Acesso em: 20 abr. 2024.

TERESA Cárdenas – Autores. Pallas Editora. s.d. Disponível em: https://www.pallaseditora.com.br/autor/Teresa_Cardenas/128/ . Acesso em: 27 abr. 2024.

WALSH, Catherine E. Interculturalidad y colonialidad de poder. Un pensamiento y posicionamiento otro desde la diferencia colonial. *In*: WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006. p. 21-70.

Data de recebimento:01/11/2024

Data de aprovação:10/12/14